

## A desilusão venceu a esperança

Como a História vai avaliar o PT no poder de 2003 a 2006

Andréa Leal, Leandro Loyola e Ricardo Mendonça

Suponha que você é um cineasta e recebe a incumbência de fazer, com urgência, um filme sobre o governo Lula entre 2003 e 2006. Não se desespere: nunca foi tão fácil escrever um roteiro. O script pode ser decalcado diretamente da realidade. A saga de Luiz Inácio Lula da Silva, como os bons filmes de Hollywood, tem três atos tão bem definidos que cada um deles poderia receber um título: "O alívio" (o período logo depois da posse, 2003-2004), "A desilusão" (fase dos grandes escândalos de corrupção, 2004-2005) e "A campanha" (quando Lula se concentrou em divulgar os feitos de seu governo, em 2006). Como ensina Syd Field, o guru dos roteiristas de Hollywood, os três atos são balizados por dois "turning points", ou viradas na trama. A primeira é em fevereiro de 2004, quando vem à tona a fita em que Waldomiro Diniz, auxiliar de José Dirceu na Casa Civil, aparece pedindo propina ao dono de bingos Carlinhos Cachoeira. Foi o momento em que o PT, que se apresentava como o partido da ética, viu ruir sua imagem de pureza. Morria a retórica da santidade única, expressa basicamente na tese, tão usada pelos petistas, do "nós-somos-diferentes-dos-outros".



AUSÊNCIA

Paran justificar a ausência no debate da Globo, Lula disse que temia ser massacrado pelos adversários. Sua cadeira ficou vazia

A segunda virada, em março de 2006, foi quando Lula mergulhou as mãos no petróleo para comemorar a auto-suficiência da Petrobras. A partir dali o presidente iniciava uma ofensiva para recuperar sua imagem - pouco desgastada, diga-se, apesar dos escândalos envolvendo o PT - entre o povo brasileiro. Divulgaram-se com alarde as notícias na área social. A ação social do atual governo - que despertou uma apaixonada discussão sobre seu teor de "assistencialismo" - explica a popularidade de Lula entre os mais pobres. Em 2006, à medida que a campanha esquentava, o país se via dividido em dois, um que vociferava contra o presidente - e mais ainda contra seus "meninos" metidos em atividades que agridem não apenas os bons modos eleitorais, mas a lei - e outro que votava nele. A reta final das eleições prometia um final emocionante para o filme.

**Lula nomeou um banqueiro tucano para o Banco Central e adotou a política econômica de FHC para ganhar a confiança dos mercados**

A história de Lula 2003-2006 começa, na verdade, antes do primeiro mandato, num prólogo que poderia receber o título de "A expectativa". Uma parte da população esperava desde 1989 eleger o primeiro presidente operário do país. Aos tradicionais adeptos de Lula - que os institutos de pesquisa diziam ser cerca de 30% da população - juntaram-se outros milhões de brasileiros, que garantiram seu favoritismo desde o começo da campanha. Ao que tudo indicava, depois de três derrotas seguidas em pleitos presidenciais, chegara finalmente a vez de Lula, que encantava a maior parte do eleitorado com sua promessa de um governo transformador, voltado para o social, sob o slogan "A esperança venceu o medo". A vitória iminente atemorizava investidores, operadores do mercado financeiro e uma parcela do empresariado. "O Brasil vai eleger um presidente de quem os mercados não gostam", disse em setembro de 2002 o megainvestidor George Soros.

O temor não era infundado. Em campanhas passadas, o PT brandira propostas que, se aplicadas, levariam o país a um colapso econômico - entre elas, a suspensão do pagamento da dívida externa e a revisão das privatizações realizadas por Fernando Henrique Cardoso. A conjuntura em 2002 também não ajudava. A despeito dos benefícios inegáveis da estabilidade de preços conquistada no começo dos anos 90, o presidente Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, chegou a seu último ano de mandato numa situação extremamente difícil. Além do desgaste político causado pelo apagão de 2001 e pela epidemia da dengue, as crises internacionais ainda não haviam sumido do horizonte e a economia brasileira apresentava números preocupantes: taxa irrisória de crescimento, 1,42% no ano; juros nas alturas, 19%; dívida pública em ascensão, em torno de 56% do Produto Interno Bruto; e enorme dependência externa, com um déficit anual de R\$ 23,2 bilhões nas transações correntes.

Com a proximidade do pleito e a consolidação do favoritismo de Lula, o que já era ruim piorou. Um misto de temor real por parte dos investidores com o aquecimento da temperatura política criou um ambiente de especulação exagerada que logo se transformou em forte turbulência econômica. O dólar ultrapassou a barreira dos R\$ 4, o risco país bateu seu recorde histórico, acima de 2 mil pontos, e a inflação anualizada superou a marca dos 30%.

Foi nesse clima, no auge da campanha eleitoral, que a cúpula do PT resolveu lançar a famosa Carta ao Povo Brasileiro, um documento de quatro páginas que reafirmava com muita ênfase os compromissos do candidato Lula com a estabilidade econômica, a manutenção do superávit primário pelo tempo que fosse necessário, o respeito aos contratos firmados no governo que estava terminando e a redução da dependência externa. O documento teve uma importância enorme do ponto de vista político. Era a interlocução direta de Lula com o mercado financeiro, cuidado fundamental para acalmar os investidores, reduzir as especulações e fazer uma transição tranquila.

Confirmada a eleição, veio a fase do alívio, que começa em janeiro de 2003 com a nomeação dos ministros. Um ministério eclético, com ex-sindicalistas, negros, mulheres, acadêmicos, um músico na pasta da Cultura, um empresário no Desenvolvimento, um produtor rural na Agricultura e um militante histórico da esquerda na Reforma Agrária. Do ponto de vista simbólico, dois eventos marcaram o início dessa fase. O primeiro foi a festa de posse, que reuniu milhares de militantes e simpatizantes petistas em Brasília. Lula desfilou triunfante, em carro aberto, no meio do corredor humano formado por pessoas de todos os cantos do Brasil. O evento, descobriu-se depois, fora organizado pelo publicitário Duda Mendonça com dinheiro de caixa dois arrecadado pelo ex-tesoureiro Delúbio Soares - tristes protagonistas do segundo ato da epopéia petista.

O outro evento marcante foi o tour do time de ministros recém-empossados para "conhecer a miséria de perto", conforme a promessa feita pelo candidato na campanha de 2002. A iniciativa levou quase toda a equipe ministerial para três comunidades extremamente pobres do país: a Vila Irmã Dulce, em Teresina, Piauí; a favela de Brasília Teimosa, no Recife, Pernambuco (hoje urbanizada); e o município de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, norte de Minas Gerais.

A ocasião que justificava essa viagem era o lançamento do programa Fome Zero, que, depois de várias críticas, acabaria sendo substituído em outubro do mesmo ano pela estratégia de dar prioridade ao Bolsa-Família. Não foi uma conversão fácil, já que o Fome Zero era uma grife vendida com muita ênfase por Lula desde a posse. A marca Fome Zero ainda é usada hoje pelo governo para designar o conjunto dos programas sociais. Mas o nome que ficou foi Bolsa-Família, que acabaria sendo o grande trunfo do governo Lula na área social.

No plano administrativo, o início do governo Lula foi bem menos exuberante. Toda a ação foi marcada por aquilo que o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro classificou recentemente como o período de "choque de confiança". A expressão está no documento Miséria, Desigualdade e Estabilidade: o Segundo Real, publicado há duas semanas pela FGV-RJ. Os eventos mais notórios dessa fase foram as nomeações de Antônio Palocci e do executivo de banco Henrique Meirelles para o Ministério da Fazenda e a presidência do Banco Central, respectivamente. A dupla não só manteve, como aprofundou a política econômica do último período do governo anterior, baseada no tripé metas de inflação, câmbio flutuante e superávit primário. Deu certo. Apesar de o primeiro ano de mandato terminar com um crescimento medíocre, 0,3%, a credibilidade do governo foi restaurada, a tendência de alta da inflação foi invertida e os juros começaram a cair gradativamente.

**Escândalos de corrupção desestabilizam o governo. O PT perde a aura de partido ético, e Lula seus mais próximos colaboradores**

Foi no primeiro ano de mandato, também, que o governo encaminhou seus dois primeiros projetos de reforma constitucional, a da Previdência e a tributária. Apenas a primeira avançou razoavelmente. A aprovação do teto para os aposentados do setor público e a instituição da contribuição dos inativos aumentaram a confiança do mercado no governo Lula, mas marcaram a ruptura da senadora Heloísa Helena com o PT. Por votar sistematicamente contra o partido no Congresso, alegando sempre que a sigla estava traindo seus compromissos históricos, ela acabou expulsa do partido no fim de 2003, com um custo político enorme para Lula.

O segundo ato do Lula 2003-2006 - "A desilusão" - começa no dia 13 de fevereiro de 2004, quando, numa reportagem de capa, ÉPOCA revelou a existência de uma fita de vídeo gravada em 2002 pelo empresário do ramo de jogos Carlinhos Cachoeira. As imagens mostram o ex-assessor de José Dirceu na Casa Civil Waldomiro Diniz pedindo propina e contribuições para campanhas eleitorais. Na época da gravação, Waldomiro era presidente da

Loterj, empresa que administra as loterias no Estado do Rio de Janeiro.

Por ter abalado Dirceu, ministro que sempre era apresentado por Lula como o "capitão" do time do governo, o caso Waldomiro teve uma repercussão extraordinária na imprensa nacional e internacional. Ocorreu, paradoxalmente, no mesmo período em que a administração petista colheu seus melhores números da economia: crescimento de 4,9% no ano, geração de 1,5 milhão de vagas formais no mercado de trabalho, queda de 8% na miséria em relação ao ano anterior e aceleração recorde no ritmo de diminuição da desigualdade de renda.

O auge da fase dos escândalos veio em junho de 2005. Acusado de liderar um esquema de corrupção nos Correios, o ex-deputado federal Roberto Jefferson, até então aliado do governo, deu uma entrevista para o jornal Folha de S.Paulo na qual acusava a direção do PT de pagar mensalidades de R\$ 30 mil para que deputados da base aliada votassem matérias de interesse da administração. A partir de sua denúncia, foram abertas três CPIs no Congresso Nacional; dois ministros caíram (José Dirceu, que mais tarde também seria cassado de seu cargo de deputado federal na Câmara, e Luiz Gushiken, rebaixado de cargo); a direção do PT, com José Genoíno, Delúbio Soares, Silvío Pereira e Marcelo Sereno, implodiu; dezenas de funcionários de alto escalão do governo perderam o emprego; e quatro deputados ligados ao governo acabaram renunciando: Bispo Rodrigues (PL-RJ), José Borba (PMDB-PR), Paulo Rocha (PT-PA) e Valdemar Costa Neto (PL-SP). No momento de maior dramaticidade da crise, o publicitário Duda Mendonça admitiu num depoimento dado à CPI ter recebido do PT R\$ 10,5 milhões no exterior. Terminadas as investigações, o Ministério Público denunciou 40 pessoas por formação de quadrilha.

O ministro da Fazenda Antônio Palocci, que passou longe das denúncias, virou o alvo principal da oposição quando o escândalo detonado por Roberto Jefferson começou a esfriar. Acossado pelas investigações sobre seus ex-colaboradores em Ribeirão Preto, onde foi prefeito, ele acabou caindo no começo de 2006, quando o sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa foi quebrado e vazado para *ÉPOCA*. Francenildo era testemunha da presença de Palocci numa casa alugada em Brasília por seus ex-colaboradores, na qual se faziam negociatas envolvendo o Ministério da Fazenda. Em meio ao estrépito, Palocci acabou caindo.

De lá para cá, quem comanda a Fazenda é o economista Guido Mantega, que já havia sido ministro do Planejamento e presidente do BNDES. Mantega, em cujo passado acadêmico não se encontra o menor traço de apreço pelo livre mercado, manteve, para decepção de uns e alívio de outros, a política ortodoxa de seu antecessor.

O terceiro ato do mandato de Lula é a da colheita dos números finais da administração e a da campanha pela reeleição. Com relação às promessas feitas em 2002, é possível estimar que o presidente cumpriu pouco mais de 50% de seus compromissos, conforme mostrou uma reportagem recente de *ÉPOCA*. Se o país cresceu mais no governo Lula que no período de Fernando Henrique Cardoso - 2,8% ao ano em média, se a previsão de 2006 for confirmada, em comparação a 2,3% na fase tucana -, isso se deveu em parte a uma conjuntura internacional favorável, da qual o Brasil, aliás, se aproveitou muito pouco. O crescimento foi medíocre se comparado com o das outras nações que, como o Brasil, disputam os investimentos internacionais na condição de "emergentes". Índia, China e Rússia têm crescido a taxas sempre superiores a 6% ao ano, chegando às vezes a 10%.

Uma análise publicada na revista britânica *The Economist* na semana passada atribuiu o mau desempenho a um setor público inflado, que puxou as taxas de juros para cima. Em seu governo, Lula nada fez para melhorar essa situação. Para a revista, seu governo representou uma aliança entre os despossuídos e os que se beneficiaram de um Estado indulgente, como sindicalistas e funcionários públicos. "Alguns dos erros do governo podem ser atribuídos à falsa noção de que o que era bom para um grupo era bom para o outro, o que talvez não seja surpreendente quando se considera que Lula, nascido despossuído, se tornou líder sindical".

De acordo com o brasilianista britânico Kenneth Serbin, Lula foi na contramão ao deixar de negociar acordos com os Estados Unidos - como fez, por exemplo, o Chile, com sucesso - e se concentrar em fazer tratos comerciais com países menores. "O país pode ter perdido uma chance inédita, a de aproveitar o período histórico de maior crescimento desde o final da Segunda Guerra Mundial", afirma ele.

A fase "A campanha" tem dois símbolos especialmente fortes. O primeiro foi a auto-suficiência em petróleo conquistada pela Petrobras no primeiro semestre deste ano. O evento já estava programado para ocorrer havia anos, independentemente do mandatário da nação, como consequência do bom desempenho da estatal. O segundo símbolo relevante foi a confirmação recente de mais uma queda na desigualdade e na miséria. Trata-se, segundo o economista Marcelo Neri, do dado mais relevante de toda a gestão petista. "O Brasil foi o país que apresentou a maior inflação do mundo entre 1960 e 1995. Desde os anos 60, tinha também um dos piores índices de distribuição de renda do planeta", afirma. "A redução da desigualdade e da pobreza está para o governo Lula assim como a

estabilização da economia esteve para FHC."

De 2003 a 2005, segundo os critérios da Fundação Getúlio Vargas, o total de miseráveis no Brasil caiu de 28,2% da população para 22,8%, o menor patamar da série histórica iniciada em 1992. A parcela da renda apropriada pelos 50% mais pobres passou dos tradicionais 12,5% para 14,1%. De acordo com os critérios da ONU, os dados de 2005 recém-divulgados mostram que o Brasil acabou de cumprir, na metade do tempo previsto (25 anos), a primeira Meta do Milênio. As chamadas "Metas do Milênio" se referem a um pacto estabelecido pelas Nações Unidas em 2000 para atingir metas como erradicação da pobreza, universalização da educação, redução da mortalidade infantil, combate à aids e sustentabilidade ambiental. São esses os resultados que têm estimulado a popularidade do presidente Lula entre os mais pobres.

O terceiro ato de Lula - "A campanha" - destacou o fato de que o ex-líder sindical é um dos presidentes mais carismáticos da história do país. Ele é frequentemente chamado de "midiático" por especialistas, mas a relação de seu governo com a mídia é peculiar. Ela merece um capítulo à parte dentro do roteiro do filme, já que o antagonismo que se criou seria, nas palavras de Syd Field, uma fonte de "conflito dramático".

**Na campanha eleitoral, o país pareceu dividido em dois. A mídia que critica Lula aos que votam nele seduzidos por seu carisma** Lula liderou as pesquisas de intenção de voto durante toda a campanha eleitoral, enquanto a televisão, os jornais e as revistas mostravam uma atitude justificadamente crítica em relação a um governo cheio de escândalos de corrupção. Cresceu no PT um sentimento de hostilidade e antagonismo em relação à mídia. Intelectuais simpatizantes do PT apontaram o que seria um "descolamento" entre a sociedade e a imprensa. A filósofa Marilena Chauí disse que o mensalão seria uma "construção fantasmagórica" da mídia.

Foi nesse quadro que, recentemente, veio a público um projeto petista voltado para os meios de comunicação e incluído no programa de governo do segundo mandato. Sob a suspeita e enganosa embalagem de "democratização", o projeto previa financiamento para órgãos de imprensa menores e, provavelmente, mais simpáticos ao governo. Tornada pública, a proposta foi retirada do programa.

A palavra "mensalão", contra a qual Marilena Chauí esgrima, se consagrou como o símbolo máximo da corrupção da gestão de Lula. Os repasses ilegais de dinheiro para deputados, segundo apuração posterior, não eram exatamente da forma que haviam sido descritos pelo deputado Roberto Jefferson. Ou seja, os pagamentos não eram mensais. É em cima desse fato que Marilena Chauí elaborou sua "construção fantasmagórica". O que ela parece custar a admitir é que houve, sim, corrupção - e muita.

As investigações mostraram que, por meio do publicitário Marcos Valério Fernandes de Souza, pelo menos R\$ 55,9 milhões foram usados no esquema de repasses ilegais. Ao contrário do que afirmara Jefferson, vários parlamentares do PT participaram do esquema - entre eles o ex-presidente da Câmara João Paulo Cunha, que mandou sua mulher buscar pessoalmente R\$ 50 mil em uma agência do Banco Rural.

Outra crítica à mídia foi feita pelo filósofo Renato Janine Ribeiro, intelectual que declarou voto em Lula, no seminário O Esquecimento da Política. Segundo ele, a imprensa julga que a maior parte da população pobre foi "comprada por programas sociais e não tem nenhuma preocupação ética". Outro intelectual ligado ao PT, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos, preferiu cobrar a conta do próprio presidente. Num artigo para o jornal Folha de S.Paulo, chamou os envolvidos na compra do dossiê contra tucanos de "militantes políticos truculentos, analfabetos em democracia". E afirmou que "o capital biográfico do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, não pode servir de fiança às malfeitorias de burocratas desqualificados".

Os intelectuais simpatizantes do PT contestam também a tese de que nunca houve tanta corrupção no Brasil. Numa entrevista a *ÉPOCA* antes que a campanha subisse de tom, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou que os casos de corrupção no governo brasileiro haviam começado com Pedro Álvares Cabral. Depois, no fragor da reta final, falou em "podridão" e comparou Lula ao demônio.

Antes, FHC falou como sociólogo. Depois, como político. Ninguém inventou até hoje um jeito de quantificar a corrupção. Que ela é um traço marcante da administração Lula, é. Mas a dificuldade é estabelecer comparações históricas consistentes e à prova de paixões. Na impossibilidade de comparar quantitativamente a corrupção no governo Lula com o que aconteceu em outros, talvez seja possível fazer uma distinção qualitativa. "Foi a primeira vez que se viu corrupção organizada partidariamente, para alimentar o projeto de poder do governo", afirma Leôncio Martins Rodrigues, um dos mais respeitados cientistas políticos do país. "Em governos anteriores, a corrupção era desorganizada, não tinha o objetivo de alimentar apenas um partido."

Muito antes de repercutir termos como o "mensalão" e declarações como a de Fernando Henrique, a mídia já era olhada com desconfiança por Lula e pelos petistas. Enquanto seus antecessores Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso falavam freqüentemente com jornalistas, Lula concedeu apenas uma entrevista coletiva em quase quatro anos de mandato. Sempre que teve chance, Lula escapou dos jornalistas em eventos públicos. Em momentos cruciais, como a revelação da existência de corrupção em seu governo, preferiu sujeitar-se, em Paris, a uma entrevista para uma equipe de TV desconhecida, em que disse que havia sido traído por companheiros do PT.

Há duas semanas, o cerimonial do Palácio do Planalto vetou a presença de repórteres em eventos corriqueiros, com o objetivo de evitar perguntas ao presidente sobre o envolvimento de petistas na compra do dossiê contra o tucano José Serra. Na quinta-feira, Lula se recusou a comparecer ao debate final da eleição promovido pela TV Globo, alegando que seus adversários iriam massacrá-lo (leia a reportagem à página 28). No início do programa, o mediador William Bonner lembrou que, de acordo com as regras aceitas por todos os partidos, seria muito difícil que o debate descambasse para ofensas pessoais.

A postura de Lula é diferente da de muitos de seus colegas eleitos democraticamente. O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, participa de entrevistas coletivas quase quinzenais, em que os jornalistas perguntam o que querem. Bush está envolvido em problemas muito mais espinhosos que Lula, como a guerra contra o terrorismo no Iraque e no Afeganistão, além das crises normais de qualquer governo. Seu antecessor, Bill Clinton, teve de enfrentar repórteres em momentos definitivamente embaraçosos, como durante a revelação de seu caso extraconjugal (com detalhes sexuais constrangedores) com a estagiária Monica Lewinsky.

**Aos olhos da História, Lula pode ser lembrado como o operário que chegou lá ou como mero continuador da "era Fernando Henrique"** A proximidade do fim do primeiro mandato de Lula e a controvérsia gerada às vésperas de sua possível reeleição permitem a discussão sobre seu legado para o Brasil. Presidentes entram para a História por sua obra à frente do governo e por características pessoais, que interferem nos rumos do país. Getúlio Vargas é visto como o criador do Brasil moderno; Juscelino Kubitschek é lembrado pelo carisma e pela realização de obras; Jânio Quadros e João Goulart foram políticos fracos, cuja falta de rumo levou à ditadura militar; Fernando Collor foi o único expulso do poder por corrupção; Fernando Henrique Cardoso foi o reformador do Estado.

E Lula, nos quatro anos iniciados em 2003 e agora encerrados, como será lembrado pela posteridade? Pela expansão do Bolsa-Família? Pelos escândalos de corrupção? Pelo medíocre crescimento econômico? Eis uma pergunta difícil de responder, pois falta aquele distanciamento histórico que só o tempo pode trazer. "A imagem que deverá prevalecer é a do operário autêntico que monta um partido popular e batalha até chegar à Presidência da República", afirma o sociólogo Alvaro Comin, professor da Universidade de São Paulo (USP) e presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). "Desse ponto de vista, a eleição de Lula foi um fenômeno inédito no mundo todo. Ao contrário de muitos outros, ele sempre foi uma liderança legítima, real. Não era fantoche da esquerda." Ele se refere ao fato de que, no início de sua vida sindical, Lula se caracterizava pela desconfiança em relação às ideologias, evitando aproximação com os partidos comunistas da época. Lula era, antes de tudo, um pragmático, que batalhava por melhores salários.

O Lula que veio de baixo é, de certa forma, um mito, como observa o cientista político Leôncio Martins Rodrigues. "Lula não é pobre desde que entrou para o sindicato, nos anos 70. Já tivera uma ascensão social, mas conseguiu manter a imagem de humilde." A origem pobre do presidente, além de arma de propaganda, é usada como escudo contra adversários. Faz com que as críticas sejam classificadas como preconceito dos poderosos.

"Lula usa um discurso de vítima de um complô invisível, das elites, para acobertar fatos incômodos como a corrupção de seu partido", diz a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, da USP. "É a retórica populista de salvador dos pobres e vítima dos ricos." Esse discurso aproxima Lula de Getúlio Vargas - o presidente petista adora se comparar ao antecessor que mais batizou logradouros no país. Com o episódio do dossiê, é possível que no futuro os historiadores realmente façam um paralelo entre os dois presidentes, mas pelo lado mau. "Lula gosta de dizer que, como Vargas, é o pai dos pobres", afirma o brasilianista Kenneth Serbin. "O fato de seus assessores terem negociado um dossiê contra José Serra se assemelha, no entanto, ao episódio em que Gregório Fortunato, braço direito de Getúlio Vargas, pagou para que um pistoleiro atirasse no principal opositor do presidente, Carlos Lacerda, no famoso atentado da Rua Toneleros." Há também a possibilidade de Lula entrar para a História pela via da corrupção. "Esse risco, é claro, existe", diz Leôncio Martins Rodrigues. "Mas é possível também que os escândalos do governo Lula, examinados do futuro, se confundam com os de outros presidentes cujos governos incorreram no mesmo problema."

Assim, fica difícil dizer se o mito de Lula vai resistir ao tempo. Historiadores analisam a trajetória dos países como uma seqüência, em que cada época - e cada governante - dá uma contribuição para o todo. Comparado à Argentina, país marcado por rupturas, o Brasil é uma nação que prima pela continuidade. As bases da fase conhecida como "nacional-desenvolvimentismo" foram dadas por Getúlio Vargas, e as sementes que ele plantou foram cultivadas por vários presidentes, fossem ditadores ou eleitos democraticamente. O modelo de maciço investimento estatal só foi trocado quando levou o país a quebrar nos anos 80. Dessa fase, restaram como símbolos o próprio Getúlio e Juscelino Kubitschek. Os quatro presidentes da atual fase democrática - Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva - vêm reorientando o país no sentido de estabilizar e liberalizar a economia, de um lado, e usar o excedente recuperado do modelo estatizante para investir na área social, do outro.

Quem entrará para a História como o nome mais marcante dessa fase? Fernando Henrique Cardoso, que criou o Plano Real e acabou com a inflação? Lula, que aprofundou as conquistas sociais do período? Há quem diga que o mito Lula, o do operário que chegou lá, vai prevalecer. Outros, como o sociólogo Francisco de Oliveira, acham que o petista entrará para a História apenas como uma continuação de Fernando Henrique. Mas a pergunta na verdade só será respondida quando o filme do governo Lula, cores esmaecidas pelo tempo, for visto e analisado pelos historiadores do futuro.

### A EXPECTATIVA

**Lula em cerimônia de 2005. Muitos analistas previam o caos na economia. Estavam em descompasso com os eleitores do candidato, embalados pelo slogan "A esperança venceu o medo"**

**'O Brasil vai eleger um presidente de quem os mercados não gostam'**

George Soros, megainvestidor, em setembro de 2002. O temor se justificava porque o PT tinha defendido, em campanhas anteriores, o não-pagamento da dívida externa e a revisão das privatizações

**"Todas as indicações (da equipe econômica) são de pessoas que não têm experiência"**

Kenneth Maxwell, brasilianista, em dezembro de 2002. Ele achava que o PT não teria quadros capazes de gerir a economia com competência e de acalmar os mercados

**"Do companheiro Bush, um eventual governo Lula pode esperar um saco sem fundo de maldades"**

José Murilo de Carvalho, historiador, em outubro de 2002. Ele temia que um governo de esquerda afastasse o Brasil dos Estados Unidos

### O ALÍVIO

Lula no Fórum Mundial de Davos (à esq.), com seus ministros em favela no Recife (acima), e Antônio Palocci (ao lado), o ministro da Fazenda, que acalmou os mercados. Em 2003, só surpresas boas do governo: nenhuma loucura foi cometida, a economia seguiu funcionando, o presidente se mostrou conciliador e levou o governo para conhecer a pobreza de perto. Palocci passou a ser considerado o fiador da estabilidade



### A DESILUSÃO

Em 2004, as crises começaram. ÉPOCA revelou o pedido de propina de Waldomiro Diniz, assessor do ministro José Dirceu, para o bicheiro Carlinhos Cahoeira (à esq.). Em 2005, Roberto Jefferson denunciou o mensalão na CPI dos Correios (à dir.), José Dirceu foi cassado (mais à dir.) e Ângela Guadagnin fez a dança da pizza (abaixo). O governo Lula passou mais de um ano se defendendo de escândalos que não paravam de surgir. O PT se esfacela e perde a aura de partido limpo e honesto



### A CAMPANHA

Lula comemora a auto-suficiência do Brasil em petróleo em plataforma da Petrobras (ao lado). Beneficiária dos programas sociais do governo exibe cartão do Bolsa-Família (acima). Lula renasce amparado no sucesso da área social e nos êxitos econômicos. Foram 11 milhões de pessoas atingidas pelo Bolsa-Família. Mas os números da Economia mostram que o Brasil teve crescimento medíocre quando comparado a outros países emergentes como China, Índia e Rússia



### Características de Lula que lembram outros presidentes brasileiros



Carismático como  
**Juscelino Kubitschek**  
(1956-1961)

Avesso a entrevistas e fanático  
por futebol como o general  
**Emílio Garrastazu Médici**  
(1969-1974)



Afirma frequentemente ser  
vítima de complôs,  
como **Getúlio Vargas**  
(1930-1945) (1951-1954)



Comete gafes verbais como  
o general **João Figueiredo**  
(1979-1985)



Seu governo foi marcado por escândalos de  
corrupção  
como o de **Fernando Collor**  
(1990-1992)



Queixa-se das elites,  
como **João Goulart**  
(1961-1964)



Faz acusações ao Congresso,  
como **Jânio Quadros**  
(1961)

Foto: Jamil Bittar/Reuters, Ricardo Stuckert/PR, Rodrigo Lobo/JC Imagem, Lula Marques/Folha Imagem, reprodução/ÉPOCA, Glaucio Dettmar/Editora Globo, Roberto Stuckert Filho/Ag. O Globo e Beto Barata/AE, Ricardo Stuckert/PR, Michel Filho/Ag. O Globo, Arq. Ed. Globo e Ag. O Globo

[Imprimir](#)

Copyright © 2006 - Editora Globo S.A. - Termos legais

É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora Globo S.A.